

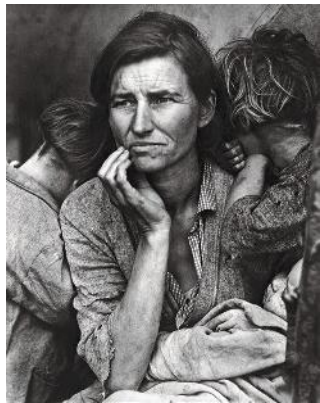


POR  
JOÃO  
PACHECO

## DENVER

## Num retrato de Dorothea Lange

Se virmos bem, há um bebé nesta imagem. E há também o que quase vemos. O pai que morreu. O acampamento improvisado onde a família estava naquele dia de 1936. As outras fotografias da mulher e das crianças no mesmo campo de trabalhadores agrícolas deslocados em Nipomo, Califórnia. A memória da grande bolha especulativa que rebentara com a Bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, com os efeitos destrutivos a serem sentidos em vários continentes. Os retoques feitos na câmara escura. E o trauma de um dos maiores países do mundo a assistir à queda repentina e duradoura de parte da população na miséria. Além do bebé nos braços da mãe, duas crianças a precisar de banho evitam a câmara de Dorothea Lange (1895-1965). A fotógrafa norte-americana estava ao serviço da Farm



DOROTHEA LANGE

Security Administration, um órgão estatal formado para divulgar e responder à pobreza da população rural. Ali trabalharam vários fotógrafos que viriam também a ser fundamentais, como Walker Evans ou Gordon Parks.

A retratada tinha 32 anos e chamava-se Florence Owens Thompson, embora o nome fosse desconhecido de quem na altura viu a

imagem nos jornais. Esta mãe migrante representava aqui uma multidão de pessoas sem casa, sem trabalho, sem esperança. A imagem tornou-se uma das mais conhecidas da Grande Depressão, que marcou a economia e a sociedade norte-americanas entre 1929 e 1939. E é também uma das fotografias mais famosas do século XX, parecendo apelar à memória coletiva ligada à iconografia cristã de vários séculos. Há discussões com décadas à volta desta imagem. Qual seria a verdadeira história desta família? Seriam mesmo de origem Cherokee, como indica uma investigação recente? O certo é que é um grande retrato. E está agora na exposição "Modern Women/Modern Vision: Works from the Bank of America Collection", até 28 de agosto, no Denver Art Museum. Além de fotografias de Dorothea Lange, entre as mais de 100 imagens expostas, há obras de outras autoras, como Carrie Mae Weems, Diane Arbus e Flor Garduño. Sim, algumas das melhores de sempre.



TIAGO FIGUEIREDO

## LISBOA-CASCAIS

## Corpos preparados para a mudança

Este domingo o palco é de Fábio Tavares, de Jackson Teixeira, de Jeferson Silva, de Juvelino Moreira, de Manuel Antunes, de Nelson Varela, de Paulo Barbosa, de Rui Tiquina e de Wilson Ribeiro. Desta vez, o palco não será o chão da sala de ensaios criada na capela da prisão onde cumprem pena. O palco será o do Grande Auditório da Gulbenkian, em Lisboa. E alguma coisa redonda acontecerá no mundo quando estes nove homens dançarem ali no domingo à tarde, a partir das 16h. Para ali poderem dançar, terão sido transportados da prisão, voltando depois às celas onde estão a cumprir penas longas. Muitos destes reclusos são afrodescendentes, o que pode e deve ser motivo para pensarmos.

O espetáculo chama-se "A Minha História Não É Igual à Tua", tem direção da coreógrafa Olga Roriz e parte do projeto Corpoemcadeia, construído desde abril de 2019 pela bailarina e coreógrafa Catarina Câmara, com reclusos do Estabelecimento Prisional de Linhó, em Alcabideche. Depois da antestreia no Linhó e da passagem pelo palco principal da Gulbenkian, os mesmos intérpretes irão dançar, a 5 e 6 de agosto, no Teatro Experimental de Cascais. O Corpoemcadeia é um projeto com financiamento da Gulbenkian, devendo terminar este primeiro ciclo em dezembro. A partir do próximo ano,

a nova fase andarà à volta do tema da masculinidade e de figuras femininas. E existem planos de chegar a outros estabelecimentos prisionais e de estabelecer parcerias internacionais. O trabalho em causa tem tanto de dança como de terapia e é coordenado por Catarina Câmara. Para quê pôr reclusos a dançar? O ponto de partida foi a necessidade de fazer um estágio a seguir à formação em terapia Gestalt. Mas tem tudo a ver com outras partes da biografia da bailarina, que inclui uma passagem pela licenciatura de Direito, além de muitos quilómetros na Companhia Olga Roriz. "Acredito que a linguagem da dança tem um grande potencial de transformação. E fui pensando em qual era o sítio onde a dança não existe, onde o movimento é mais rotineiro, onde não há esta liberdade do gesto. E de uma forma quase intuitiva, pensei: 'Quero fazer o meu estágio da Gestalt na prisão'", diz ao Expresso. Para participar em todas as fases do Corpoemcadeia, os reclusos interessados tinham de ter pelo menos ainda três anos de pena por cumprir. Alguns já tinham cumprido 15. "São homens que têm muitos anos de prisão. Interessava-nos pegar em pessoas em que o sistema geralmente não pega. Estes projetos são muito dirigidos para pessoas que estão já em transição. Queria mesmo pensar em como é que se





## FLASHES



### LISBOA

O dramaturgo é um cozinheiro que trabalha com palavras. E, como diz Lisidamo, “um prato onde o amor entre como condimento agradará a qualquer um”. A personagem do velho Lisidamo foi criada por Plauto para a comédia “Casina”. A estreia aconteceu há mais de dois mil anos e o tema principal mantém-se atual. Agora, esta comédia sobre o amor está em palco em Lisboa até 23 de julho, no Teatro Romano, perto da Sé. Com encenação de Joaquim Horta, de quarta a sábado, às 21h30.



### HAIA

A artista alemã Wiebke Siem tem uma grande exposição retrospectiva em Haia. Chama-se “Hot Skillet Mama” e está no Kunstmuseum Den Haag, até 30 de outubro, viajando a seguir para Salzburgo e depois para Bona. A ironia de Wiebke Siem é materializada através de esculturas, de instalações, de têxteis e de peças de moda como chapéus. Sim, rir é preciso.

### LONDRES

Queremos sonhar com a música ‘People Have the Power’ no país liderado por Boris Johnson? A voz e os versos de Patti Smith estarão em Londres, no Alexandra Palace Park, a 24 de julho. E podemos esperar ouvir este sonho: “I awakened to the cry/ That the people have the power/ To redeem the work of fools.” Ou seja, o povo tem o poder de corrigir o trabalho dos tontos. Será?

## ZURIQUE

# Os filmes desenhados por Fellini

O tio vivia num manicómio. Mas sabia bem o que queria, como resolveu demonstrar quando a família o levou ao campo para passear de coche. O que queria era uma mulher, como desatou a repetir aos berros, empoleirado no topo de uma árvore alta: “Voglio una donnaaaaaaaaaa.” Antes de existir na película do filme “Amarcord” (1973), esta personagem do realizador italiano Federico Fellini ganhou forma em papel. Fellini desenhou a caneta “La passeggiata in carrozza con lo zio matto”, seguindo o mesmo processo usado na construção de muitas outras cenas e personagens que viriam a fazer parte de filmes. Agora e até 4 de setembro podemos ver estes desenhos em Zurique, na Kunsthaus Zürich, na exposição “Federico Fellini — Von der Zeichnung zum Film”. Uma boa leitura para transportar na bagagem é o livro “300 Mil Anos de Ansiedade”, do psiquiatra Gustavo Jesus. Para



acabar já com a ansiedade de quem ainda não viu “Amarcord” ou já não se lembra da sorte do tio desenhado por Fellini esclareça-se que o escalador de árvores acabou por ter o que queria. Ou quase.

## PHOTO MATON



LEE MILLER

Londres, Vogue Studio, 1944. Reparamos logo no cabelo e nas mãos. No mesmo ano desta produção de moda, Lee Miller (1907-1977) retratou também a humilhação pública de duas francesas em Rennes, com a cabeça rapada por terem colaborado com os ocupantes nazis. Até 25 de setembro, estas imagens convivem na exposição da fotógrafa norte-americana nos Rencontres de la Photographie, em Arles.

constrói um projeto de vida quando se tem mais cinco ou 10 anos aqui dentro.” Por falar em futuro e mesmo tendo em conta que não estamos num filme da Disney, será que algum destes homens pode vir a ser bailarino profissional? “Eu diria que alguns têm ferramentas e talento para ser. Agora, isso de ser bailarino, artista, sobretudo em Portugal, não depende só do talento. E estas pessoas não estão numa posição de igualdade. Ao sair daqui vão debater-se com o preconceito do exterior, por terem estado presas. Lá está, a dança não salva ninguém. Têm de convergir imensos fatores. Porque às vezes cria-se este mito: ‘Ah, agora fizeram dança...’ Não. Se não tem o que comer, se não tem para pagar a renda, a malta vai assaltar. É um trabalho colaborativo, de transformação através da experiência artística. Mas se estamos em estado de sobrevivência, não há arte que nos salve.” O que nos pode agora salvar nem que seja por uns minutos será o exercício proposto aos reclusos por Olga Roriz. Foram desafiados a pegar em giz e desenhar a própria cela no chão da capela, dançando nesse espaço. “É um momento muito tocante”, conta Catarina Câmara. “Porque é como se eles próprios tomassem consciência do seu espaço. No fundo, estão ali num exercício de memória. E, ao recuperarem o espaço da cela, ligam-se ao seu momento presente. ‘Onde estou?’ Quando esse movimento de consciência acontece, é como se todo o corpo estivesse atualizado, preparado para a mudança. Só podemos mudar quando estamos enraizados no presente. Isto significa não estar a antecipar o futuro e não estar a usar sempre as memórias do passado, que nos põem num lugar de medo.” ●